

## POR UM CÓDIGO AGROAMBIENTAL

**\*Roberto Rodrigues**

Embora os resultados da Rio +20 tenham superado as expectativas e o mundo tenha assumido alguns compromissos alcançáveis, o Brasil poderia ter saído melhor na foto final.

Talvez tenha faltado uma melhor comunicação.

Um exemplo claro disso foi o Código Florestal. A MP que corrigiu a legislação desequilibrada que saiu da Câmara dos Deputados não foi capaz de sanar os pecados da Lei e acabou irritando todo mundo. A alguns, porque queriam o veto integral ao documento da Câmara, sem aceitar a derrota pelo voto inerente à Democracia. A uns, porque desejavam uma inaceitável anistia a quem, na linha do tempo, tivesse cometido erros ambientais. E ainda a outros, porque sonhavam com um projeto baseado em análises mais técnicas e científicas do que os números fixados pela MP.

Mas o fato real é que o Código ainda não está pronto. Ainda vai passar pela análise do Congresso, que talvez mude muito do que a MP estabeleceu, o que pode demorar uns poucos meses até ficar tudo resolvido, e isso foi a causa de barulho no Rio: os interessados na completa modificação do texto da MP usaram com competência a presença de numerosos aliados de fora do Brasil para pressionar pelas mudanças que desejam. Isso também é Democracia, faz parte do jogo e assim deve ser entendido e aceito, embora possa parecer com um tiro no pé, que denigre a imagem do país.

Outro ponto negativo foi o da Agroenergia, setor que era uma das maiores vantagens comparativas brasileiras na busca mundial por energias limpas e renováveis. De líderes incontestes nesse setor, passamos a importar álcool de milho dos Estados Unidos, para abastecer nosso mercado interno. E isso se deu por absoluta falta de estratégia nacional quanto ao tema. E agora, passado o macro evento, o governo tenta corrigir o vazio de planejamento.

Talvez esteja aqui uma excelente motivação para avançarmos nos dois assuntos, meio ambiente e energia, agregando um terceiro, umbilicalmente ligado a ambos, que é o desenvolvimento sustentado de Agropecuária.

Verdadeiro motor de nossa economia, representando uma quarta parte do PIB, gerando mais de um terço dos empregos e com um saldo comercial maior que o dobro do saldo total do país, o Agronegócio vai crescendo aos trancos e barrancos, sem uma estratégia absolutamente necessária para um progressivo avanço que respeite as 3 vertentes da sustentabilidade, a social, a ambiental, a econômica. A última vez que tivemos um planejamento estratégico para este setor foi no governo Geisel e já lá se vão quase 40 anos!

Está mais do que na hora de montarmos um vigoroso Código Agroambiental, com base em elementos científicos e sócio-econômicos, que contemple as demandas mundiais por alimentos, energia, fibras e recursos naturais protegidos, que considere o extraordinário potencial brasileiro de abastecer o mundo com tudo isso através de um zoneamento agroecológico rigoroso e tecnicamente inatacável, que nos permita avançar firmemente no cenário global gerando empregos, riquezas e renda para nosso povo. Temos todas as condições de fazer isso, estabelecendo uma política de renda para o campo, uma política comercial agressiva e montando a rede logística fundamental para a competitividade, privilegiando os órgãos de pesquisa e extensão rural e ajudando a organizar o setor rural.

Precisamos aproveitar o calor das discussões do Rio para construir essa realidade. O mundo vai, sem dúvida, então, reconhecer nossa superioridade no que somos superiores: na nossa sustentável agropecuária.

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**